

A partir desta disputa pelo conceito que parece ter ocorrido entre romanos e *hispanicos* em torno do *gurdos*, houve uma bifurcação – tanto semântica quanto na valoração atribuída ao adjetivo. As demais citações encontradas em latim⁸ parecem ter derivado do sentido quintilianesco, enquanto nos países *hispanicos* a mesma palavra manterá outro teor semântico e valorativo⁹. Ressalta-se, entretanto, que as palavras latinas referentes à substância gordura¹⁰ continuaram a ser utilizadas sem qualquer relação com *gurdos*¹¹. Enquanto isso, nos antigos países *hispanicos* ou aqueles de

8 As duas citações encontradas são a de Aulo Gélío e Sulpício Severo. Aulo Gélío teria nascido em torno do ano 123 e vivido até o ano 165 d.C. Gélío teria exercido a função de escritor e gramático em Roma. Em sua obra mais famosa – *Noctes Atticae* – ele registrou no 7º capítulo do livro XVI o seguinte diálogo: “*Hic est, inquit, ille gurdus, quem ego me abhinc duos menses ex África venientem excepisse tibi narraui*” (GELLIUS, 1824, p. 849). A melhor tradução do trecho é a de Panayotakis (2010), que transcrita livremente do inglês para o português ficaria “*Que desmemoriado, quem, como eu te disse, eu conheci há dois meses atrás, quando eu estava voltando da África*”. Panayotakis (2010) usa o termo *blockhead*, do inglês “estúpido, tolo”, em relação à *gurdos*, porém, em sua análise do contexto do trecho, faz questão de enfatizar que o sentido desejado pelo autor na passagem é em relação a memória fraca da personagem. Aqui optei por traduzir como desmemoriado ao invés de esquecido, já que poderia dar um entendimento equivocado de que a personagem é que foi esquecida – ressalva feita, igualmente, por Panayotakis (2010). Já Sulpício Severo teria nascido e falecido por volta de 360 e 420 d.C., respectivamente. A passagem, em latim, se insere no capítulo XXVII, do diálogo I, do livro *Diálogo*: “*Audietis me tamen ut Gurdonicum hominem, nihil cum foco aut cothurno loquentem.*” (SEVERUS, 2011). Em tradução livre do inglês para o português, teríamos algo como “*Você me ouvirá como uma espécie de homem insensato (estúpido), que não diz nada de uma forma rebuscada ou pomposa*”. Como viveu posteriormente à Quintiliano, Severo teria se utilizado de uma derivação de *gurdus*, aparentemente, com o sentido proposto por este, ou seja, estúpido, tolo ou insensato – se é que este era a semântica real da palavra *stolidis*.

9 Montserrat (1389) e Nieremberg (1443) utilizam o termo como sinônimo de pesado. Há, ainda, um registro que sugere que houvera uma região denominada Gordo, talvez, com o sentido de grande. Ressalta-se, mais uma vez, que dificilmente um povo denominaria sua região de moradia desta forma se o sentido fosse “estúpido” ou algo desvalorativo, fazendo desta conjectura – geográfica – igualmente válida. Num interrogatório da inquisição, Bernard de Caux (1255) levou à audiência um homem chamado Gerard de Gordo, acusado de heresia. Era comum grafar o primeiro nome e de onde o sujeito provinha, sugerindo que, talvez, houvesse uma região com tal nome. Há ainda hoje duas localidades, na Espanha e em Portugal, com os nomes *El Gordo* e *Pico Gordo*, porém o documento indica que Gerard seria albigense, de uma região que atualmente corresponde à França. Portanto, se houvera mesmo uma localidade com o nome Gordo, ocorreu uma mudança posteriormente.

10 *Pinguis, pinguid* ou *pingue e adeps, adips, adipi ou adipis* (SANTANELLA, 1789; TOSCANELLA, 1564).

11 Também a palavra magro, que, atualmente, seria um antônimo de gordo, nem sempre se referiu à gordura. Todas as fontes encontradas derivavam o adjetivo magro do latim *macer* ou *macrus*, trazendo como significado magro (TOSCANELLA, 1564; VALPY, 1828; FERREIRA, 1984; WIKTIONARY, 2011). Os dicionários mais antigos trazem como sinônimo de magro a palavra *tenuis*, do latim, fino, que originou, por exemplo, a palavra tênue, no português, com o mesmo sentido. Tais fontes, referenciam, ainda, *μακρός*, do grego, cujo significado, em latim, seria *longus* (CURIO, 1519), que, em português, é longo. Tem-se, também,

diferenciar das demais construções linguísticas relacionadas à patologias.

Segundo Etymonline (2011), a palavra obesidade viria de *obésité*, do francês, tendo, como mais antigo registro, documentos do meado do século XVI. Os dicionários franceses da época traziam como significado para o verbete a expressão “*embonpoint excessif*”, ou seja, *embonpoint* excessivo (CHOMEL, 1741, s/p.). O substantivo *embonpoint* exemplifica algumas mudanças de valores que ocorreram em relação à corpulência na época.

Os mais antigos registros acessíveis encontrados desse termo datam do século XVII¹². A palavra foi construída a partir de uma justaposição, que, em português, seria o equivalente a “em bom ponto”. Apesar de não haver parâmetros quantitativos, percebe-se, pelos significados atribuídos ao adjetivo, que, à medida que se aproxima do século XVIII, ocorre não somente uma inversão valorativa, mas, também, a especificação da gordura corporal. O critério avaliativo para a adjetivação era visual, ou seja, tratava-se de um atributo estético que será, progressivamente, associado à saúde e especificado quanto à composição corporal, desprivilegiando a gordura.

Ainda Etymonline (2011) cita, como possível derivação, *obesus* ou *obēsītās*, do latim, que possui ocorrências, inclusive mais antigas do que *obésité*, como em Laurenziani (1494). Quanto à essa origem latina de *obesus*, *ob* seria tanto um prefixo que denotaria “*intensamente, em direção à, de encontro a*” e *esus* seria uma das declinações do verbo *edere*, que significaria comer. Consequentemente, *obesus* se referia aquele que come intensamente ou que se dirige à comida – interpretação a qual muitos autores concordam (FERREIRA, 1984; ETYMONLINE, 2011; DICTIONARY.COM, 2011; CHOMEL, 1741).

Ressalta-se que comer excessivamente não é o mesmo que ter o Índice de Massa Corporal (IMC), a quantidade de gordura, o peso ou o tamanho corporal considerados excessivos. Enquanto estes conceitos se concentram sobre alguma característica corporal, aquele se concentra sobre uma ação. Pode-se inventariar, cotidianamente, casos em que o sujeito come excessivamente sem que acarrete ou estejam presentes aquelas características corporais. *Ob edere* ou *obesus*, sem dúvida, não é o mesmo que ser obeso, gordo ou ter corpulência excessiva.

O ato de comer excessivamente foi condenado ética, moral e religiosamente sob diferentes signos, em diferentes épocas, sendo denominado gula, no medieval, ou integrando os vícios da intemperança, na Antiguidade. O termo *obesus*, portanto, nasce com esse caráter de condenação ética-moral e religiosa. Essa condenação a um determinado comportamento, aparentemente, foi se materializando ao longo da história, tornando o corpo, em sua composição ou aparência, uma

12 No léxico *Le grand dictionnaire François Latin* (NICOD, 1618, s/p.) o verbete traz como significado, em latim, “*corporis habitus firmus*”, que poderia ser traduzido como “condição corporal firme” (VALPY, 1828). Já Richelet (1680, p.275) diz que é “*L’état où se trouve une personne qui est en bonne santé, & qui est grosse & grasse*”, que, em tradução livre para o português, seria algo como “a condição em que uma pessoa é saudável, que é grande e grosso”. Furetiere (1690, s/p.) confirma que a semântica era especificamente “*Pleine santé qui est accompagnée d’un peu trop de graisse*”, “saúde plena que é acompanhada de um pouco de gordura”. Coignard (1694, p.267) traz “*Bon estat ou bonne habitude de corps. Ne se dit gueres que des personnes un peu pleines & grasses*”, “Bom estado ou boa condição do corpo. Não se diz raramente em relação a pessoas plenas e grossas”.

inferência para aquele comportamento.

Assim, o termo *obesus* nem sempre se refere a um ato. Ele pode se referir à plethora – excesso de humores ou sangue. Há, ainda, enunciados que trazem o mesmo signo num outro sentido – estético, de proporção, simetria e harmonia entre as medidas corporais. Tal faceta estética, em que uma aparência corporal passa a representar um ato sob um mesmo signo, já aparece em enunciados dos séculos I e II de nossa era. Próximo desse emprego estético do termo *obesus* – sem qualquer relação com IMC, gordura, peso corporal ou saúde – aparece o conceito de corpulência¹³, que se referia ao tamanho do corpo de alguém, independentemente se era grande ou pequeno.

Tanto o conceito de corpulência quanto *obesus* passam por mudanças ao longo da história. Torna-se impossível determinar derivações semânticas bem delineadas, como no caso de *gurdos*. Só é possível identificar se o signo empregado se referia a um ato ou à estética se for interpretado dentro da estrutura enunciativa de um determinado discurso.

Outras derivações conceituais para esses mesmos signos se desenvolvem, principalmente, a partir do século XVII. Além do ato de “comer excessivamente” e da questão estética, os termos *obesus* e corpulência passam a ser empregados, progressivamente, como sinônimos de grande massa corporal, a partir do trabalho de Santorio (1614), e de gordo. A especificação da gordura no núcleo conceitual “gordura corporal excessiva” já é encontrada, pelo menos, ao final do século XVIII (DIDEROT, 1777).

Já em meados do XIX, ter-se-á, sob os mesmos signos, em inglês, uma nova possibilidade conceitual. Além do ato, da estética, de grande massa corporal e do excesso de gordura, as ocorrências de *obesity* e *corpulence* podem se referir a alguém que possui o valor de massa corporal acima de uma média calculada e proposta como ideal para sua estatura, ou seja, surgem as tabelas de peso por altura (WADD, 1816, 1829; CHAMBERS, 1850; BRILLAT-SAVARIN, 1854, 1865; BANTING, 1864).

A partir do século XX, a palavra corpulência se torna rara e os signos relacionados à *obesity* passarão a se associar às tabelas de IMC, apesar de sua definição permanecer como excesso de gordura corporal. Ao longo do século XX, sobretudo a partir da década de 50, a disputa em torno do conceito se dará em torno do ponto de fixação dos valores de IMC que estabelecerão o que será considerado, quantitativamente, ser obeso. A publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS) (2004), ao final deste século, estabeleceu os critérios atualmente praticados de classificação dos sujeitos a partir do IMC (OLIVER, 2006).

Assim sendo, tem-se, esquematicamente, uma série de possibilidades encontradas de empregos dos termos derivados de *obesus* e que poderão ser encontrados em enunciados: 1) *obedere*: comer excessivamente, sem relações com IMC, gordura, tamanho ou massa corporal; 2)

13 Os registros mais antigos datam do século XIV, do francês antigo *corpulence*, que se referia ao tamanho do corpo, independentemente se este é grande ou pequeno. Sua derivação seria do latim *corpulentia*, remetendo à “grossura do corpo” e seu adjetivo seria *corpulentus*. Somente no século XIX, *corpulence* passou a significar gordura corporal excessiva e permanece com este sentido no português, no inglês e no francês. (ETYMONLINE, 2011; DICTIONARY.COM, 2011; FERREIRA, 1984).

pletórico: excesso de humores ou de sangue; 3) corpulência excessiva: tamanho do corpo grande, sem especificar a gordura ou a massa corporal, comer excessivamente ou IMC; 4) pesado ou com massa corporal considerada excessiva, sem relações com a estatura, o IMC, comer excessivamente, tamanho ou gordura corporal; 5) pesado ou com massa corporal considerada excessiva em relação à estatura, sem relações com o IMC, comer excessivamente, tamanho ou gordura corporal; 6) pesado ou com massa corporal considerada excessiva em relação à estatura quando comparado à uma tabela de valores médios populacionais, sem relação com o IMC, comer excessivamente, tamanho ou gordura corporal; 7) IMC considerado excessivo relacionado a uma tabela de valores médios populacionais; 8) IMC considerado excessivo relacionado a uma tabela de valores médios populacionais como a OMS (2004) definiu.

Essa enorme polissemia em torno dos mesmos signos exige cautela na análise de enunciados históricos. A apropriação de um mesmo signo e, posterior, definição técnica, sem considerar os diferentes sentidos históricos que o conceito, ocasionou certas apropriações conceituais questionáveis de fontes históricas por parte de alguns historiadores, como Bray (2009), Haslam (2007) e Repetto (1998)

CONCLUSÕES

A partir do exposto, concluiu-se que a interdição informal à palavra gordo, no Brasil, provém da ramificação semântica franco-anglófona que tem um significado ofensivo para esse termo. Quanto à etimologia e história da palavra obeso, concluiu-se que, devido à polissemia histórica em torno deste signo, faz-se necessário cautela ao abordar enunciados históricos para evitar projeções conceituais retrospectivas. Tais saberes são relevantes para abordagens historiográficas e qualitativas da temática em questão.

REFERÊNCIAS

BANTING, W. *Letter on corpulence, addressed to the public*. 3ª ed. Londres: Harrison, 1864.

BERNARD (DE CAUX). *Interrogatoires subis par des hérétiques albigeois par-devant frère Bernard de Caux, inquisiteur, de 1245 à 1253*. Vol.2, 1255, 508 pgs. Parcialmente disponível em: http://books.google.com.br/books?ei=miBQTrDeJtSgtwemuaWyBw&ct=result&id=pKQ_AAAAYAAJ&dq=bernard+de+caux+gordo&q=gordo#search_anchor. Acesso em 20/08/2011.

BRAY, G. A. History of obesity. In: WILLIAMS, G.; FRÜHBECK, G. *Obesity: science to practice*. Chicester: Wiley-Blackwell, 2009.

BRILLAT-SAVARIN, J. A. *The physiology of taste; or, transcendental gastronomy*. Philadelphia: Lindsay & Blakiston, 1854.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

_____. *The handbook of dining*; or, corpulency and leanness scientifically considered. New York: D. Appleton, 1865.

BULLET, M. *Mémoires sur la langue celtique*. Besançon: Imprensa real, 1754.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

CHAMBERS, T. K. *Corpulence*; or, excess of fat in the human body: its relation to chemistry and physiology, its bearings on other diseases and the value of human life, and its indication of treatment. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1850.

CHOMEL, M. N. *Dictionnaire économique*. Paris: Henry Thomas, 1741.

COIGNARD, J. B. *Le dictionnaire de L'académie française*. Paris: Jean Baptiste Coignard, 1694.

CURIO, V. *Dictionarium graecum, ultra ferrariensem*. Basiléia: s/ed., 1519.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 2007.

DICTIONARY.COM. Disponível em <http://www.dictionary.com>. Acesso em 02/01/2011.

DIDEROT, M. (org.). *Encycopédie*; ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres. Vol.9. Genene: Pellet, 1777, p.537.

ETYMONLINE. Disponível em <http://www.etymonline.com>. Acesso em 02/01/2011.

EVANS, D. S. *An english and welsh dictionary, adapted to the present state of science and literature*. Londres: Simpkin & Marshall, 1852.

FERREIRA, A. B. De H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. *A ordem do discurso*. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 1996a.

_____. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

_____. *As palavras e as coisas*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANK, J. De la polipionia. In: _____. *Patologia interna*. Vol.5, Cap.1, Madrid: Fuentenebro, 1842, p.214-226.

FURETIERE, A. *Dictionnaire universel*. Haye: Arnout & Reinier Leers, 1690.

GELLIUS, A. *Noctes atticae*. 2º vol. Londres: A. J. Valpy, 1824.

GRISOLLE, A. *Tratado elemental y practico de patologia interna*. Vol.3. Madrid: Sociedade tipográfica-literaria universal, 1847, p.207-209.

HASLAM, D. Obesity: a medical history. In: *Obesity reviews*. Vol. 8. Supl. 1, 2007, p.31-36.

HUBERT, H. *Los celtas y la civilización céltica*. Madrid: Akal, 2000.

_____. *The rise of the celts*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, 2002.

LATIN LIBRARY. Disponível em <http://thelatinlibrary.com/>. Acesso em 02/01/2011.

LAURENZIANI, L. *Aphorismi, sive sententiae, cum commentationibus Galeni*. S/local: s/ed., 1494.

MONTSERRAT, M. de. *Los habitantes*. S/local: Alfa, 1389.

MURPHY, J. J. *Quintilian on the teaching of speaking and writing*. Ilinóis: Southern Illinois University, 1987.

NICOD, M. *Le grand dictionnaire françois latin*. Paris: Pierre Bertault, 1618.

NIEREMBERG, J. E. *Curiosa y oculta filosofia*. Madrid: Imprensa Real, 1443.

NIETZSCHE, F. W. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral. In: *Os pensadores obras incompletas*. São Paulo: Victor Civita, 1983, p.43-52.

OLIVER, J. E. *Fat politics: the real history behind America's obesity epidemic*. Nova York: Oxford University, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Obesidade: prevenindo e controlando a epidemia global*. São Paulo: Roca, 2004.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

PANAYOTAKIS, C. *Decimus laberius: the fragments*. Nova York: Cambridge University, 2010.

QUINTILIANUS, M. F. *De Institutione oratoria*. S/local: s/ ed., 1515.

REPETTO, G. Histórico da obesidade. In: HALPERN, A. *et al. Obesidade*. São Paulo: Lemos, 1998.

RICHELET, P. *Dictionnaire François*. Geneva: Jean Herman Widerhold, 1680.

SÁNCHEZ, J. P. *Breve historia de Hispania*. Madrid, Nowtilus, 2009.

SANTAELLA, R. F. *Vocabularium; seu lexicon ecclesiasticum, latino-hispanicum, ex sacris bibliis, conciliis, pontificum, ac theologorum decretis, divorum vitii: dictionariis, aliisque probatissimis scriptoribus, concinnatum*. S/local: Antonium Espinosa, 1789.

SANTORIO, S. *Ars de statica medicina*. Sem local: Davidem Lopes de Haro, 1614.

SAUVAGES, F. B. Polysarcia; la corpulence. In: _____. *Nosologie méthodique; ou distribution des maladies em classes, em genres et em especes, suivant l'Esprit de Sydenham, & la méthode des Botanistes*. Vol.9. Lyon: Jean-Marie Bruyset, 1772, p.106-109.

SEVERUS, S. *Dialogues*. Disponível em <http://www.ccel.org/>. Acesso em 02/01/2011.

STENZEL, L. M. *Obesidade: o peso da exclusão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

STEPHANI, R.; FRISII, I. *Lexicon trilingüe*. S/local: Theodosius Rihelius, 1587.

TOSCANELLA, O. *Dictionariolum latinum, ad puerorum commoditatem Italicè interpretatum*. Veneza: Vicentio Valgrisi 1564.

VALPY, F. E. J. *An etymological dictionary of the latin language*. Londres, A. J. Valpy, 1828.

WADD, W. *Cursory remarks on corpulence; or obesity considered as a disease with a critical examination of ancient and modern opinions relative to its causes and cure*. 3ª ed. Londres: J. Callow, 1816.

_____. *Comments on corpulency, lineaments of leanness, mems on diet and dietetics*. Londres: John Ebers & Co., 1829.

WIKTIONARY. Disponível em <http://en.wiktionary.org/>. Acesso em 02/01/2011.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG



Anais do VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte
Rio Grande – 13 a 15 de setembro de 2012

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
www.cbce.org.br – contato@cbce.org.br

Disponível em:
<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/6csbce/sul2012/trackDirector/index/submissionsAccepted>

ISSN: 2179-8133